

MAGNÓLIA: UMA REFLEXÃO SOBRE RELAÇÕES FAMILIARES E DIREITO SOBRE PESSOAS

Larissa Costa Duarte*

Cite este artigo: DUARTE, Larissa Costa. Magnólia: uma reflexão sobre relações familiares e direito sobre pessoas. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p.24 - 31, dezembro. 2011. Semestral. Disponível em: <http://www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 30 de dezembro de 2011.

Resumo: Análise da obra cinematográfica Magnólia (1999) à luz da teoria de Radcliffe-Brown sobre direitos sobre coisas e pessoas. Exame das relações familiares e da díade pais e filhos. Uma reflexão sobre as expectativas que recaem sobre as categorias de paternidade, os direitos e deveres familiares ditados pelas regras sociais, e a dificuldade de manter estável a estrutura familiar formada pelas delicadas relações interpessoais.

Palavras-chave: Direito sobre pessoas; Radcliffe-Brown; Organização Social; Parentesco; Abuso intrafamiliar;

Oh, mas não queria que James ficasse nem um dia mais velho, nem Cam. Gostaria de conservar os dois para sempre, assim mesmo como eram, demônios perversos, anjos encantadores; nunca vê-los crescer e se transformar em monstros de pernas compridas. Nada poderia compensar essa perda.

Virginia Woolf. Rumo ao Farol, 1927.

Magnólia é um filme de 1999, dirigido por Paul Thomas Anderson – diretor dos também aclamados *Boogie Nights (Prazer Sem Limites)* e *There Will Be Blood (Sangue Negro)*. A película recebeu três nomeações para os prêmios da Academia, e várias outras ao redor do mundo. Aplaudido no circuito de filmes de arte, teve pouco reconhecimento do público, mesmo contando com atores já bastante famosos à época. Apesar da qualidade inquestionável de *Magnólia*, não é difícil entender porque o mesmo não teve êxito nas bilheterias: a obra é marcada por temas delicados, roteiro intrincado, tomadas extensas, excesso de referências, e por sua longa duração (três horas e oito minutos).

A temática do filme gira em torno da sensação de solidão e isolamento dos indivíduos,

justamente em um mundo em que todas as pessoas estão vinculadas às outras de alguma maneira. De fato, na década seguinte ao lançamento de *Magnólia*, com o reavivamento da teoria dos seis graus de separação [1], a indústria cinematográfica retomou a temática das conexões entre os indivíduos e produziu obras clássicas como a trilogia (*Amores Perros*, *21 Grams*, *Babel*) do diretor mexicano Alejandro González Iñárritu.

Por fim, para além do nível das coincidências e da solidão, *Magnólia* revela ao espectador o seu ponto central: a difícil relação entre pais e filhos e o não cumprimento das expectativas que uns colocam sobre os outros. O papel dos pais, e também o de seus descendentes, cria uma enorme esperança sobre seu comportamento. Quando esta expectativa não se cumpre, as relações sociais podem se tornar imensamente mais delicadas do que já são normalmente. Apresentarei a seguir cada um dos personagens da trama, tratarei das fragilidades ocasionadas pelo rompimento de determinados vínculos e pela violação de determinadas relações de direitos e deveres, e traçarei alguns paralelos com a teoria de Radcliffe-Brown apresentada na introdução de *Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento* que pode ser encontrada na coletânea de textos do autor organizada por Julio Cezar Melatti.

1. Os personagens

Phill Parma trabalha na casa dos Partridge como enfermeiro de Earl – paciente terminal de câncer que encontra no rapaz uma última oportunidade de dar vazão aos seus arrependimentos diante do fim evidente. Phill se torna confidente do velho homem, uma vez que a esposa do mesmo, Linda, está tendo que enfrentar o próprio horror da morte e da irreversibilidade de seus erros.

Linda Partridge é uma mulher jovem, bonita, e que se casou com o muito mais velho Earl por interesse econômico. Ao fim da vida do marido, descobre que desenvolveu por este enorme afeição, e se arrepende das infidelidades que cometeu e do dinheiro do qual se aproveitou. Linda não consegue aceitar que Earl esteja morrendo, e que já não tenha lucidez sequer para entender seus pedidos de desculpas. Linda se encontra em uma situação inusitada: não deseja receber a herança do marido, mas não pode abdicar da mesma, pois neste caso o dinheiro irá para Frank – filho do primeiro casamento de Earl com quem o velho homem tem uma difícil relação.

Frank T. J. Mackey é um homem de boa aparência apresentador e organizador de um programa motivacional para homens chamado “Seduza e Destrua”. Seu discurso gira em torno de fazer os homens perceberem as mulheres como objetos de prazer que, como tais, devem ser usadas e abandonadas sem qualquer hesitação. Frank é filho de Earl, mas foi abandonado pelo mesmo aos catorze anos de idade, à época em que sua mãe se descobriu paciente terminal de câncer. Obrigado a tomar conta da mãe completamente sozinho, Frank foi impelido a deixar para trás a infância. Neste meio tempo, desenvolveu profunda aversão pelo pai.

Earl Partridge é um velho homem, dono de imensa fortuna e de uma emissora televisiva. Ao chegar aos últimos estágios de seu câncer, começa a perder a consciência, e encontra em seu enfermeiro uma pessoa a quem confidenciar suas incertezas e arrependimentos antes que estes, como ele próprio, desapareçam completamente. Seu último desejo é rever o filho e se desculpar por seu maior remorso: ter abandonado a mãe de Frank quando esta mais precisava.

O segundo arco do filme trás um novo conjunto de personagens. Jimmy Gator, por exemplo, é apresentador de um tradicional programa de televisão da emissora de Earl. Seu show se chama “What Do Kids Know?”, e consiste basicamente em um grupo de crianças de inteligência muito superior à média competindo sobre conhecimentos variados contra um grupo de adultos. Jimmy também está doente, e embora esconda de seus empregadores, possui apenas alguns meses de vida. Ele tenta em vão se utilizar de sua condição fragilizada para se reconciliar com Claudia, sua filha.

Claudia Wilson Gator é uma bela jovem, filha de um dos homens mais populares dos EUA. Apesar do que parece ser uma condição privilegiada, Claudia não consegue deixar o mundo de drogas e sexo desprezioso no qual submergiu em uma tentativa mal sucedida de escapar do imenso vazio que sente desde que cortou completamente as relações com a própria família. Em seu caminho, no entanto, passará uma pessoa disposta a ajudá-la a deixar para trás o difícil passado que a assombra: o policial Jim.

Jim Kurring é um oficial de polícia exemplar. Completamente dedicado ao trabalho, Jim não encontra o mesmo sucesso nas relações pessoais. O policial acaba por interferir na trajetória de dois dos personagens do filme: Claudia, e Donnie; e é ele também que faz a ponte com o terceiro e último arco do filme.

Donnie Smith é o personagem central do terceiro arco da história. Ele é um adulto frustrado preso a um emprego medíocre. Quando criança foi o maior pontuador de “What Do Kids Know?” – recorde que jamais foi quebrado. No entanto, seus pais usurparam dele todo o dinheiro da vitória e o deixaram sozinho. Donnie passa os dias a remoer sua triste história, e a sonhar com o dia em que conseguirá se relacionar novamente com outra pessoa.

Stanley Spector é um menino prodígio. Inteligentíssimo, passa os dias na biblioteca da escola adquirindo conhecimento sobre toda sorte de coisas em uma tentativa de agradar seu pai, Rick. Embora o relacionamento dos dois pareça sólido, não demora muito até que o espectador perceba que Rick vê o filho como preciosa fonte de enriquecimento – afinal, depois de várias décadas, Stanley é a primeira criança a ter a possibilidade de quebrar o recorde pertencente à Donnie Smith no famoso programa de Jimmy Gator.

Estes são os personagens de Magnólia, e um de seus trunfos, é o sucesso em intercalar as histórias sem privilegiar nenhuma delas. Cada um dos arcos é importante para o conjunto e para o desfecho da obra. Cada um dos personagens passará por uma difícil jornada antes de ser capaz de

enfrentar seus próprios conflitos familiares que, de um modo ou de outro, transformaram completamente suas vidas, e definiram a pessoa em que cada um deles se tornou.

2. Radcliffe-Brown e os Direitos Sobre Coisas e Pessoas

Na antropologia, o tema da família e da organização social tem sido extensamente debatido. Uma das reflexões clássicas sobre o tema está em *Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento* de Radcliffe-Brown (1950) cuja introdução pode ser lida na coletânea de Julio Cezar Melatti (*Radcliffe-Brown: Antropologia*). Segundo o autor, todas as relações entre pessoas são regidas por certas normas de comportamento, e isso é ainda mais verdadeiro no universo das relações de parentesco. Em nossa sociedade, afinal, a relação entre pais e filhos é determinada pela expectativa de uma conduta afetuosa e cuidadosa da parte dos pais, e respeitosa e cordial da parte dos filhos.

Certamente, o exemplo dado poderia cobrir uma série de outras convenções socialmente definidas sobre a relação citada – pais devem ser zelosos, filhos devem ser obedientes; pais devem ser dedicados, filhos devem ser prestativos; etc. O fato é que, embora distintas em cada sociedade, existem normas em todos os grupos humanos que definem o conjunto de direitos e deveres que um indivíduo tem para com o outro. Radcliffe-Brown chama este aspecto das relações humanas de elemento jurídico.

Para o autor, o que é direito de uma pessoa costuma corresponder ao dever de outra para com ela. Por exemplo, os pais têm o direito de dar certas ordens aos filhos – o que corresponde ao dever destes filhos de obedecer aos pais. Quando alguém pode reivindicar a execução de um dever diz-se que tal pessoa tem um direito *in personam* em relação aquele que terá de cumpri-lo.

E há também aquilo que o autor chama de direitos possessivos, ou direitos *in rem* – ou seja, quando uma pessoa é tratada legal e/ou socialmente de modo similar a uma propriedade. Qualquer dano a este indivíduo deve ser reparado – uma pessoa pertence a outra em sentido quase completamente denotativo. É o caso, por exemplo, de quando alguém recebe indenização do Estado, ou até mesmo de um particular, por danos físicos ou morais causados a um de seus parentes – geralmente o cônjuge ou os filhos.

Os direitos sobre pessoas podem se estabelecer entre duas pessoas quaisquer, mas é virtualmente universal entre pais e filhos. Especialmente durante a infância, a relação entre estes é, ainda segundo Radcliffe-Brown, de superioridade e subordinação. E, embora boa parte destes direitos – *in personam* ou *in rem* – perdure até a idade adulta, é na primeira fase da vida que eles parecem mais evidentes.

2.1. Donnie e Stanley

Muitos dos conflitos de *Magnólia* estão relacionados a um abuso por parte dos progenitores deste direito sobre pessoas. Donnie Smith, por exemplo, expressa sua frustração com os pais no seguinte monólogo em um momento de embriaguez (ANDERSON, 1999, informação eletrônica):

DONNIE: - e deixa eu te dizer uma coisa: Samuel Johnson nunca teve sua vida devastada e roubada dele, e seu dinheiro roubado – quem levou sua vida e seu dinheiro? Seus pais? Sua mãe e seu pai? Faça-o viver vida assim – “Um homem genial” é sacaneado quando criança, e isso o marca e machuca; e você já foi atingido por um raio? Isso machuca, e não acontece com todo mundo, é uma carga elétrica que encontra um caminho no universo e aterrissa no seu corpo e na sua cabeça – e sobre “não arruinou nada além dele mesmo”, não é assim se seus pais levam a droga da sua vida e do seu dinheiro e te dizem pra fazer isso e aquilo; e se você não fizer? bem, tanto faz –[2]

Os pais de Donnie se aproveitaram do intelecto de seu filho, uma criança à época, para participar do famoso show televisivo “What Do Kids Know?”. O mesmo vale para Stanley Spector cuja história é bastante semelhante à de Donnie. O grande diferencial aqui é que podemos contemplar efetivamente sua vida com o pai. O relacionamento dos dois parece cordial – o pai está sempre repetindo o quanto ama o menino, e não é senão com o desenrolar do filme que o espectador começa a duvidar de seu afeto desinteressado.

Donnie e Stanley são partes complementares de uma mesma história. Durante a infância, seus pais descobriram sua aptidão e decidiram tirar proveito da mesma. A exploração de crianças não consiste necessariamente em submetê-las a trabalho físico pesado – muito se discute atualmente sob os efeitos de colocá-las muito cedo no *showbiz* sob holofotes e câmeras e toda a pressão que envolve este universo. Não seria também um tipo de exploração, e de abuso de direitos *in personam*, sujeitar os filhos a este ambiente de tensão e competitividade? O fato é que, para muitos pais, as crianças são propriedade das famílias – e no caso de Donnie e Stanley, propriedades altamente rentáveis. O dinheiro conseguido pelo primeiro é completamente usurpado por seus parentes, e tudo leva a crer que o mesmo acontecerá com o segundo. Em nossa sociedade, afinal, os filhos também têm potencial para gerar renda – e não apenas nas pequenas sociedades do mundo rural. Não. A beleza das crianças, sua inteligência, seus dotes musicais, também são potenciais maneiras de utilizá-las como fonte de capital. Como dito anteriormente, o direito sobre pessoas pode ser estabelecido entre quaisquer indivíduos – mas poucos são tão totais quanto o que os pais possuem sobre os filhos.

Ao fim do filme, Stanley deixa o programa para trás, e passa por um breve período de reflexão. Ao voltar para casa, o seguinte diálogo tem lugar (ANDERSON, 1999, informação eletrônica):

STANLEY: Pai... Pai. Você tem que me tratar melhor, pai.

RICK: Vá pra cama.

STANLEY: Eu acho que você tem que me tratar melhor. [3]

Stanley percebe que a conduta de seu pai para com ele não estava sendo a socialmente esperada. O menino, então, demanda que o pai cumpra suas obrigações – ele pede que Ricky o trate

melhor. Stanley toma ciência de que na esfera do parentesco os direitos e os deveres costumam passar pelo universo da reciprocidade. Seu pai, afinal, tem sim alguns direitos sobre sua pessoa – mas também tem alguns deveres, e é exatamente isto que Stanley se põe a cobrar.

2.2. Claudia e Frank

A história de Claudia Gator perpassa questões do universo do direito sobre pessoa que são um pouco distintas da problemática de Donnie e Stanley. Logo na primeira cena do filme vemos Jimmy Gator tentando sem sucesso uma reconciliação com a filha – mas é apenas na parte final da película que descobrimos que a mesma sofreu abuso sexual na infância, e compreendemos melhor seu ressentimento.

A história de Claudia e Jimmy pode ser analisada sob a categoria antropológica do incesto – mas também é verdade que o incesto, principalmente quando se trata de abuso sexual intra-familiar, passa pelo direito sobre pessoas e sobre seus corpos. O abuso de crianças por seu pai biológico configura aproximadamente 40% dos casos de relação incestuosidade que se tem registro no país [4]. Não é possível generalizar esta quantidade de casos, mas também não se pode deixar de levar em conta uma mentalidade histórica de posse dos homens sobre as mulheres de sua família, inclusive no universo da sexualidade. Questões como a coisificação do corpo feminino também estão presentes, e estão novamente na intersecção de um discurso perpetuado do direito *in rem* do homem sobre a mulher.

Jimmy violou os direitos possessivos que tinha sobre Claudia – na figura de pai e de homem. Além disso, ele deixou de realizar um dever socialmente relacionado à figura do patriarca: o de proteção da família. Mesmo relações de subordinação, como são em geral as de pais filhos, são relações de reciprocidade – Jimmy não apenas descumpriu as obrigações que lhe cabiam, mas ao fazê-lo, desobrigou Claudia de seus próprios deveres para com ele. Ele morre sem o perdão ou os cuidados da filha.

A relação de Frank e Earl, nesse sentido, se assemelha à de Claudia e Jimmy. Earl abandonou a família ao descobrir a doença de sua esposa, e transferiu para Frank o dever de cuidar e de ficar ao lado da mãe. Mesmo depois da morte desta, Earl não procurou reassumir o papel de pai. Casou-se novamente, mas não constituiu nova família.

Frank, por outro lado, nutriu pelo pai um profundo desafeto – deixou para trás tanto o nome de batismo quanto o da família paterna (o nome, afinal, é também um registro de posse). Quando procurado por Earl, Frank lhe diz visivelmente abalado que não cuidará dele. Ele, como Claudia, se sente desobrigado de seus deveres de filho uma vez que foi abandonado.

Com a morte de Earl e Jimmy ao final do filme, o difícil relacionamento entre estes e seus filhos se encerra. Cabe a Frank e Claudia, assim como a Donnie e Stanley, a dura tarefa de enfrentar suas próprias histórias. Segundo Radcliffe-Brown (1950, p.91), “a regra de que as crianças não só

devem amar, mas também honrar e obedecer a seus pais é, se não universal, pelo menos muito generalizada nas sociedades humanas.” Mas quão duras podem se tornar estas relações quando pais – e por vezes os próprios filhos – ultrapassam os subjetivos limites de seus direitos? Afinal, a sociedade ainda tem dificuldade em aceitar o fato de que a família pode ser destrutiva, não configurando sempre um ambiente seguro (COHEN, 1998). Mas no plano da realidade, o grupo familiar pode representar uma esfera de tensão e desafeto tanto quanto qualquer outra rede social.

3. A tempestade

Segundo Lévi-Strauss (1986, p. 76) os membros de uma família estão unidos por: “laços jurídicos; direitos e obrigações de natureza econômica, religiosa, ou outra; uma rede precisa de direitos e proibições sexuais e um conjunto variável e diversificado de sentimentos, como o amor, o afeto, o respeito, o medo, etc.” *Magnólia* é um filme que sucede em analisar cuidadosamente todos estes aspectos.

Profundamente ambíguo – assim como todas as relações de parentesco –, o filme analisa a difícil tarefa de pais e filhos de manipular seus próprios papéis sem permitir que suas ações ultrapassem os limites do socialmente aceitável. Mas a verdade é que neste universo de direitos e deveres, as relações são regidas, em grande parte, pela reciprocidade – o descumprimento de um dever pode acarretar numa perda de direitos.

Magnólia é, por fim, um filme de sutilezas. Afinal, apenas o mais atento dos espectadores se aperceberá que *Magnolia Blvd.* é o nome da avenida em que se passam todas as histórias do filme; e não é senão com alguma pesquisa que descobrirá que a precipitação de pequenos animais – incluindo rãs, aves e peixes – podem sim ocorrer em algumas áreas no momento em que estas são atingidas por tornados e/ou furacões. “Estas coisas acontecem”, diz Stanley – talvez o menos perplexo de todos os personagens diante do estranho fenômeno da chuva de sapos. Grupos domésticos se transformam em ambientes hostis; pais e filhos se desentendem; casais se formam pelos mais diversos motivos que não o amor. As famílias não configuram – nem em nossa e nem em nenhuma sociedade – um modelo tão rígido de estrutura que não permita arranjos e diferenças. Como disse Stanley, estas coisas, simplesmente, acontecem. 🌀

NOTAS

* Aluna graduada no curso de bacharelado em Antropologia da Universidade de Brasília em julho de 2011. Em breve pretende dar continuidade a sua formação e ingressar no curso de mestrado em Antropologia Social. Áreas de pesquisa: Antropologia da Religião; Antropologia do Gênero. Email: laracodesu@gmail.com

[1] Teoria segundo a qual estamos relacionados a qualquer outra pessoa no planeta através de um máximo de seis vínculos.

[2][ORIGINAL] DONNIE-- and lemme tell you this: Samuel Johnson never had his life shit on and taken from him and his money stolen -- who took his life and his money? His parents? His mommy and daddy? Make him live this life like this -- "A man of genius" gets shit on as a child and that scars and it hurts and have you ever been hit by lightning? It hurts and it doesn't happen to everyone, it's an electrical charge that finds its way across the universe and lands in your body and your head - - and as for "ruined but by himself," not if his parents take his friggin' life and his money and tell you to do this and do that and if you don't? well, what –

[3][ORIGINAL] STANLEY: Dad... Dad. You have to be nicer to me, dad. // RICK: Go to bed. // STANLEY: I think that you have to be nicer to me.

[4] Fonte: COHEN, Cláudio e GOBBETTI, Gisele Joana. *O incesto: o abuso sexual intrafamiliar*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Paul Thomas. **Magnolia**. 1999. Disponível em <http://www.imsdb.com/scripts/Magnolia.html>. Acesso em: 19 de agosto de 2010.

COHEN, Cláudio e GOBBETTI, Gisele Joana. **O incesto: o abuso sexual intrafamiliar**. Disponível em <http://www.violenciasexual.org.br/textos/resumos/incesto>. Acesso em: 19 de agosto de 2010

DIAS, Juliana. Estrutura e Sentimento. Uma análise antropológica de *Auá: novel negra*. **Pós. Revista Brasileira de Pós-graduação em Ciências Sociais**. p.93-114. Brasília: ICS/UnB. 2000.

MAGNÓLIA. Direção: Paul Thomas Anderson. Produção: Joana Sellar. Roteiro: Paul Thomas Anderson. Intérpretes: Julianne Moore; Tom Cruise; John C. Reilly; e outros. São Paulo: Playart, 1999. 1 DVD (188 min).

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Sistemas africanos de parentesco e casamento. Introdução. In: Melatti, J. C., org. **Radcliffe-Brown: Antropologia**. São Paulo: Ática [or. ing. 1950]

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Olhar Distanciado**. Edições 70. Lisboa. 1986

[\[Retornar ao índice\]](#)